

# XI ECOECO

VII Congreso Iberoamericano  
Desarrollo y Ambiente

XI ENCONTRO NACIONAL DA ECOECO  
Araraquara-SP - Brasil

---

COMÉRCIO INTERNACIONAL AMBIENTAL SOB A LUZ DA ECONOMIA DE REDES

**mateus nogueira cesar** (UNICAMP) - mateuscesar6@hotmail.com

*Economista, mestrando em desenvolvimento econômico pela Universidade Estadual de Campinas, Unicamp*

## Comércio internacional ambiental sob a luz da economia de redes

### Pequeno resumo < 150 palavras

O artigo tem a intenção de, através da utilização de um programa analisador de redes (pajek), elencar quais são os principais países importadores de recursos naturais no mundo, bem como quais são os principais exportadores. Os dados serão retirados da base de comércio internacional da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), que permite identificar de onde vêm e para onde vão os recursos naturais internacionais. Como proxy para estes recursos, utilizar-se-ão os dados de "agricultura, caça, floresta e pesca" presentes na base para 2009. O programa pajek reconhece os países mais centrais na captação de recursos naturais em diversos aspectos, como a centralidade de grau e de proximidade. A ideia principal é a de corroborar ou refutar a teoria de que os países agroexportadores são subdesenvolvidos e os agroimportadores, desenvolvidos. Além disso, debate-se, através da economia ecológica e das teorias de valoração, os entraves para rompimento desta problemática.

**Palavras-chave:** Comércio internacional ambiental. Economia de Redes. Países agroexportadores.

### Resumo expandido > 600 palavras

O artigo tem a intenção de, através da utilização de um programa analisador de redes (pajek), elencar quais são os principais países importadores de recursos naturais no mundo, bem como quais são os principais exportadores. Os dados serão retirados da base de comércio internacional da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), que permite identificar de onde vêm e para onde vão os recursos naturais internacionais. Como proxy para estes recursos, utilizar-se-ão os dados de "agricultura, caça, floresta e pesca" presentes na base para o ano de 2009, último ano com dados disponíveis.

O programa pajek reconhece os países mais centrais na captação de recursos naturais em diversos aspectos, como a centralidade de grau e de proximidade. Feito este reconhecimento, faz-se ainda uma comparação do ranking de países que mais agroimportaram no referido ano com o ranking dos mais desenvolvidos (maiores PIB). Esta análise será aplicada para os 58 países estudados, em uma análise bivariada para checar se há correlação entre estes dois dados (correlação de Pearson). A ideia principal é a de corroborar ou refutar a teoria de que os países agroexportadores são subdesenvolvidos e os agroimportadores, desenvolvidos.

Para além de um pensamento economicista, o artigo avança um pouco no debate e procura avaliar uma questão mais atual do desenvolvimento, o comércio internacional ambiental e a influência de suas externalidades para a balança de pagamentos. Para entender melhor a questão, necessita-se antes fazer algumas conjecturas. Em suma, é sabido que muitas riquezas naturais não tem seu preço de mercado mensurados corretamente, uma vez que não

é incluído o verdadeiro valor de muitos recursos escassos, como a água, por exemplo. Os países agroexportadores (ditos do sul) vendem a preços baixos seus recursos para que outros (ditos do norte) possam industrializá-los e obter lucros extraordinários. A pergunta que se coloca então é se exportar recursos naturais, de baixo valor agregado, tem sido bom para as nações agroexportadoras.

Resgatando a teoria da divisão internacional do trabalho e a teoria das vantagens comparativas de David Ricardo, podemos perceber que existe uma orientação para que países agrários e pobres continuem a cumprir seu papel de exportar bens primários aos países desenvolvidos. Se o ponto de vista de que países pobres são agroexportadores e países ricos agroimportadores for realmente verificado pela metodologia do programa pajek, cabe-se reavivar o debate sobre soluções a este paradigma, incluindo agora uma visão da economia ecológica. Quais serão as consequências da internalização dos custos ambientais na produção de produtos primários? Caberia uma solução que propusesse aumentar os preços dos bens ambientais como os da agricultura, provocando, assim, uma crise alimentar, por exemplo? Caberiam compensações financeiras? Caberiam taxas ou permissões de uso por determinados serviços ambientais? O que se sabe é que não há caminho fácil para solucionar esta problemática de exploração ambiental.

Sendo vistos como uma extensão do El Dourado, desde os primórdios do capitalismo comercial, os países do sul vem se defrontando com espoliação de seus recursos naturais. Se por um lado estas exportações representam riqueza natural perdida, por outro, são a principal fonte de renda destes países. Presos em uma armadilha da pobreza, com baixos níveis agregados de investimento e tecnologia, as economias do sul vêm em seus recursos naturais, sua esperança de desenvolvimento. Há muito, autores econômicos vem tentando estabelecer teorias (inclusive latino-americanas, puxadas pela CEPAL) que sirvam como resposta à problemática. O que este artigo propõe é que a inovação técnica da economia de redes para a interpretação de dados e a inovação teórica da Economia Ecológica para a internalização de custos, se aplicada ao comércio internacional ambiental, pode incitar interessantes debates para esta problemática.

**Palavras-chave:** Comércio internacional ambiental. Economia de Redes. Países agroexportadores.